

LINGUAGEM. GÊNERO. SEXUALIDADE: CLÁSSICOS TRADUZIDOS

Joana Plaza PINTO*

OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010. 166 p. (Linguagem, 37).

Quando pensamos na organização de uma obra que represente uma área de estudos, como desejamos vê-la organizada? Há formas diferentes de se fazer isso e as boas retrospectivas, revisões e coletâneas provam isso (CAMERON, 1998, 2005; KUBOTA, 2003; HOOKS et al., 2004). Uma coletânea audaciosa e completa deve ser uma obra que inclua textos inaugurais, textos reconhecidos e textos atualizados da área de estudos revisada. Uma obra que mostre o desenvolvimento cronológico de uma série temática. Uma obra que revise o que foi feito e prenuncie o que virá. Se a área de estudos tiver seus exemplares mais relevantes e historicamente significativos em língua estrangeira, melhor ainda se for uma obra que apresente tais exemplares em português, para que se possa indicá-la para estudantes e pesquisadoras(es) iniciantes e demais profissionais não familiarizadas(os) com a língua estrangeira fonte. Parece ambicioso? É exatamente o que faz a coletânea *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*, organizada por Ana Cristina Ostermann e Beatriz Fontana e publicada pela editora Parábola em 2010. Trata-se de uma coletânea de textos inaugurais e reconhecidos, apresentados cronologicamente e que mostram o que foi feito, apontando o que virá nos estudos sociolinguísticos sobre gênero e sexualidade. Mesmo com seu viés anglofônico, todas as traduções da coletânea são escolhas felizes para representar este imenso campo em ampliação franca mundo afora.

Escrita pelas organizadoras, uma precisa apresentação do campo de estudos abre a coletânea. Nessa apresentação, elas utilizam uma reconhecida linha de compreensão das abordagens teóricas que organizam os estudos: as perspectivas de *déficit*, de *dominância* e de *diferença* (CAMERON, 1998), ainda que algumas interpretações afirmem que a abordagem do *déficit* possa ser incluída nesta da *dominância* (CAMERON, 2005). O desenvolvimento destas abordagens, seus

* Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. Goiânia – GO – Brasil – joplazapinto@gmail.com

avanços e mudanças de perspectivas no período contemplado pela coletânea – 1973 a 1998 – estão em concordância com os avanços e mudanças nas epistemologias feministas no mesmo período, o que torna as escolhas para esta coletânea ainda mais felizes. As três perspectivas, assim como a quarta perspectiva explicitamente defendida pelas organizadoras – *estudos da performatividade* –, encontram-se com a passagem das epistemologias feministas anglofônicas essencialistas às antiessencialistas, mais precisamente, do “fundacionalismo biológico” (PISCITELLI, 2002) aos “fundamentos contingentes” (BUTLER, 1998). Do segundo capítulo – primeiro texto traduzido – ao quinto, podemos ler textos que fundamentam suas perguntas e respostas sobre a dicotomia “mulher”/“homem”, expressões usadas no singular porque representando uma visão monolítica de tais posições na vida social e, portanto, linguística. Do sexto capítulo ao oitavo, podemos ler uma transição para uma visão heterogênea e mais complexa, enfatizada pelo uso de expressões como “gênero” (que enfrenta o binarismo mulher/homem), “relações de poder” (que insere intersecções, espaço e história para a compreensão das relações desiguais) e “comunidades de práticas” e “discurso” (que inserem novas noções de linguagem). Essas diferenças devem ser entendidas como transições mesmo, pois “gênero” e “relações de poder” são termos encontrados em alguns dos primeiros capítulos – seus usos, para que e com que fundamentos, sua variabilidade teórica e metodológica marcam as sutis mudanças das transições.

Aqui vale enfatizar que tais mudanças acarretam uma perspectiva sociolinguística bem diferente dos estudos iniciais no campo, sendo a coletânea muito útil também para apresentar às(aos) iniciantes na Sociolinguística as transformações teórico-metodológicas da área, como resume muito bem o oitavo capítulo:

Enquanto a sociolinguística tradicionalmente pressupõe que as pessoas falam como falam pelo fato de serem quem (já) são, a abordagem pós-moderna sugere que as pessoas são quem elas são pela (entre outras coisas) forma como falam. Essa perspectiva muda o foco de uma simples catalogação de diferença entre homens e mulheres para uma pergunta mais sutil sobre como as pessoas usam recursos linguísticos para produzir a diferença de gênero. (CAMERON, 2010, p. 132)

O primeiro texto traduzido são as primeiras e últimas páginas do primeiro capítulo do livro *Language and woman's place*, de Robin Lakoff. Ainda que esta decisão de segmentação do capítulo para tradução não tenha sido justificada pelas organizadoras,¹ ter uma parte desta obra traduzida para o português é já

¹ Suponho que tenha sido uma decisão fundamentada pelos limites de espaço da coletânea. Mesmo assim sinto imensa falta da seção 3 (LAKOFF, 1975, p. 19-42), especialmente da divertida discussão sobre eufemismos nos usos de palavras para “mulher”.

uma vantagem para quem quer conhecer (ou apresentar a suas(seus) estudantes) os estudos linguísticos feministas. Esse livro de Lakoff é sem dúvida um clássico, tendo sido primeiramente publicado em 1973 em formato de artigo, e sendo assim considerada a primeira publicação conhecida sobre o assunto.² Lakoff (1975, p.1)³, em suas próprias palavras, discute “a linguagem usada pela e sobre as mulheres” e conclui que os registros linguísticos das mulheres estilizam seu desempoderamento – “[...] há uma discrepância entre o inglês falado pelos homens e o falado pelas mulheres” (LAKOFF, 2010, p.29). Sua posição foi vista como essencialista e criticada por depender teórica e metodologicamente de binarismos homogeneizantes quase deterministas, como as ideais de “fala masculina” e “fala feminina”. Tais binarismos estão presentes tanto na abordagem da *dominância*, representada por Lakoff no segundo capítulo, Pamela Fishman no terceiro e Candance West e Don Zimmerman no quarto, quanto na abordagem da *diferença*, representada por Deborah Tannen, traduzida no quinto capítulo da coletânea e reconhecida por tratar as relações entre linguagem e gênero como questões de subculturas – “dois sexos, duas culturas”.

Compreendendo melhor do que se trata o fundacionalismo biológico do feminismo anglofônico da década de 1970, podemos localizar a posição de Lakoff e de outras sociolinguistas feministas não apenas nesse contexto, mas igualmente no contexto mais amplo das características das epistemologias feministas. Como aponta Piscitelli (2002, p.20, grifo nosso), “[...] no fundacionalismo biológico, os dados da biologia coexistem com os aspectos da personalidade e o comportamento, mas as relações entre *eles são acidentais*.” Não é por acaso que Lakoff (1975, p.83) termina seu livro afirmando que “[...] eu não sinto que nós devamos manter os tipos de relações sociais que nós temos sempre assumido.” No mesmo sentido, Fishman (2010, p.32) preocupa-se em esclarecer que “[...] relações de poder entre homens e mulheres são o resultado da organização social das atividades no lar e na economia” e West e Zimmerman (2010, p.65) também enfatizam que “[...] poder está implicado no que significa ser homem em relação a uma mulher.” Mesmo que apoiado em noções e análises essencialistas, o feminismo dos anos 1970 é marcado pela percepção das relações desiguais entre homens e mulheres e pelo desejo de transformação, assim como marcam os trabalhos destas corajosas linguistas feministas de 1970 a 1985.

² Mesmo descontando o viés anglofônico da coletânea, não há obra acadêmica conhecida sobre o assunto antes de 1973. A primeira obra em francês, por exemplo, data de 1978: o livro *Les mots et les femmes*, de Marina Yaguello. A efervescência dos estudos sobre linguagem e gênero começam mesmo depois do Ano da Mulher (1975).

³ Utilizo aqui a publicação em inglês porque o Prefácio de Lakoff (1975, p.1-2) não foi incluído na coletânea. Optei por utilizar as versões traduzidas na coletânea sempre que citar trechos incluídos. As demais traduções de trechos de artigos ou livros em língua estrangeira foram feitas por mim para fins exclusivos desta resenha.

Esta subversão constitutiva dos estudos feministas da linguagem, característica da “recomendação de uma forte forma de reflexividade” própria da epistemologia feminista (HARDING, 1987, p.9), levou-as a dialogar não apenas com teorias e metodologias dos estudos linguísticos já consolidados (Robin Lakoff menciona George Lakoff, Pamela Fishman menciona Sacks e Schegloff), como também dialogarem com estudos sobre a relação entre linguagem, gênero e sexualidade em outros campos de saberes: entre outras(os), Candace West e Don Zimmerman, no quarto capítulo, mencionam Erving Goffman, da Sociologia; Penelope Eckert e Sally McConnel-Ginet, no sexto capítulo, mencionam Etienne Wenger, dos Estudos Educacionais; Anna Livia e Kira Hall, no sétimo capítulo, mencionam as teóricas feministas Eve Sedgwick e Judith Butler, esta também mencionada por Deborah Cameron no capítulo final da coletânea. Este intenso diálogo rompe fronteiras disciplinares para tratar seus tópicos de pesquisa sempre como problemas para uma vida social mais justa e igualitária, pois, como afirma Cameron (1998, p. 48), “[...] ao contrário de seus colegas do *mainstream*, feministas nunca ficaram contentes com meramente catalogar os fatos da diferença.”

Esse percurso avançou para os “fundamentos contingentes” da *performatividade*, uma compreensão crítica das identidades pré-estabelecidas pela Sociolinguística tradicional nos termos da crítica feminista às exclusões normativas, o que significa concordar com Butler (1998, p.36) que: “As categorias de identidade nunca são meramente descritivas, mas sempre normativas e como tal, exclusivistas”. As estudiosas mais recentes traduzidas pela coletânea adotaram as ideias de que “[...] é inútil continuarmos a usar modelos de fala generificada que considere implicitamente a masculinidade e a feminilidade como construtos monolíticos [...]” (CAMERON, 2010, p.147) e de que “[...] gênero é performativo porque configura a sua existência por meio de seu próprio pronunciamento feliz.” (LIVIA; HALL, 2010, p.121). Nesse sentido, o atual estado da arte dos estudos sobre linguagem, gênero e sexualidade aponta para a necessidade de se estudar como linguagem *faz* gênero e sexualidade, compondo um conjunto excelente de interpretações do filósofo inglês J. L. Austin, conforme discuti recentemente (PINTO, 2009).

É sem dúvida uma coletânea ambiciosa e seu fôlego permite ir fundo ao juntar numa mesma obra renomadas pesquisadoras e um pesquisador anglofônicos traduzidos por renomadas pesquisadoras e um pesquisador brasileiro. Seu papel hoje no Brasil pode fazer avançar não apenas este vasto e crescente campo de estudos das relações entre linguagem, gênero e sexualidade, mas também os estudos da linguagem em geral e as lutas pela igualdade, ajudando a produzir o que Boaventura de Souza Santos (1988, p.60) chamou de “conhecimento prudente para uma vida decente”. Trata-se, portanto, de uma empreitada que certamente

merece leitura pela representatividade do material traduzido e pela amplitude do debate que abre no Brasil.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.11, p.11-42, 1998.

CAMERON, D. Desempenhando identidade de gênero: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010. p.129-149. (Linguagem, 37).

_____. Language, gender and sexuality: current issues and new directions. *Applied Linguistics*, v.26, n.4, p.482-502, 2005.

_____. Gender, language, and discourse: a review essay. *Signs*, Chicago, v.23, n.4, p.945-973, 1998.

FISHMAN, P. M. O trabalho que as mulheres realizam nas interações. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010. p.31-47. (Linguagem, 37).

HARDING, S. Introduction: is there a feminist method? In: HARDING, S. (Ed.). *Feminism and methodology*. Bloomington: Indiana University Press, 1987. p.1-14.

HOOKS, B. et al. *Otras inapropiables: feminismos desde las fronteras*. Tradução de Maria Serrano Gimenez et al. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004.

KUBOTA, R. New approaches to gender, class, and race in second language writing. *Journal of Second Language Writing*, Murcia, n. 12, p.31-47, 2003.

LAKOFF, R. Linguagem e lugar da mulher. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010. p.13-30. (Linguagem, 37).

_____. *Language and woman's place*. New York: Harper & Row Publishers, 1975.

LIVIA, A.; HALL, K. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010. p.109-127. (Linguagem, 37).

PINTO, J. P. O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.33, p.117-138, 2009.

PISCITELLI, A. Re-criando a categoria mulher? In: ALGRANTI, L. M. (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002. p.1-25.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.2, n.2, p.46-71, 1988.

WEST, C.; ZIMMERMAN, D. H. Pequenos insultos: estudo sobre interrupções em conversas entre pessoas desconhecidas e de diferentes sexos. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010. p.49-66. (Linguagem, 37).

Recebido em setembro de 2010.

Aprovado em novembro de 2010.